



Saber-Sentir em Educação Ambiental: Conexões Espirituais e Éticas Ecofeministas na América Latina¹

Sueli do Nascimento²

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7043-3480>

Tânia Regina Zimmermann³

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba) - Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8107-3102>

Resumo: Esta pesquisa propõe o saber-sentir como fundamento ético, espiritual e político para uma Educação Ambiental enraizada em experiências femininas, ecoterritoriais e contra-hegemônicas. Com abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativista, fundamentada em autoras ecofeministas, busca compreender como tais perspectivas contribuem para as práticas educativas decoloniais. O processo metodológico baseou-se em leituras analíticas, escuta reflexiva e diálogo interpretativo, inspirados na escutatória-dialogal de Nascimento (2023). No percurso, pesquisadora e sua supervisora tecem reflexões sobre alteridade, escuta e diálogo e (re)existência, articulando gênero, espiritualidade e justiça ecoterritorial das mulheres frente à coisificação da vida. O estudo evidencia o saber-sentir, na escutatória-dialogal, como prática decolonial que reafirma o cuidado, a ancestralidade e a insurgência de modos de vida contra-hegemônicos comprometidos com a justiça socioambiental.

Palavras-chave: Saber-sentir. Ecofeminismo. Espiritualidade. Justiça ecoterritorial.

]

Saber-Sentir en la Educación Ambiental: Conexiones Espirituales y Éticas Ecofeministas en América Latina

Resumen: Esta investigación propone el saber-sentir como fundamento ético, espiritual y político para una Educación Ambiental arraigada en experiencias femeninas, ecoterritoriales y contrahegemónicas.

¹ Recebido em: 21/07/2025. Aprovado em: 07/11/2025.

² Professora e pesquisadora. Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba), com apoio da CAPES (PDPG–POSDOC/CAPES). Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/Marília) e mestra em Educação pela UEMS/Paranaíba. Docente no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (Araçatuba e Lins/SP) e na Educação Especial da Rede Municipal de Ensino de Birigui/SP. E-mail: profa.dra.sueli.do.nascimento@gmail.com

³ Supervisora de estágio pós-doutoral e Pós-doutora em História (Universidade Federal do Paraná e pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná). Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora associada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul na graduação e no mestrado em Educação. E-mail: tania22@uem.br

Con un enfoque cualitativo, de carácter bibliográfico e interpretativista, fundamentado en autoras ecofeministas, busca comprender cómo dichas perspectivas contribuyen a las prácticas educativas decoloniales. El proceso metodológico se basó en lecturas analíticas, escucha reflexiva y diálogo interpretativo, inspirados en la escucha-dialogal de Nascimento (2023). En el recorrido, la investigadora y su supervisora tejen reflexiones sobre alteridad, escucha, diálogo y (re)existencia, articulando género, espiritualidad y justicia ecoterritorial de las mujeres frente a la cosificación de la vida. El estudio evidencia el saber-sentir, en la perspectiva de una escucha-dialogal, como práctica decolonial que reafirma el cuidado, la ancestralidad y la insurgencia de modos de vida contrahegemónicos comprometidos con la justicia socioambiental.

Palabras-clave: Saber-sentir. Ecofeminismo. Espiritualidad. Justicia ecoterritorial.

Knowing-feeling in Environmental Education: Spiritual and Ecofeminist Ethical Connections in Latin America

Abstract: This research proposes knowing-feeling as an ethical, spiritual, and political foundation for an Environmental Education rooted in feminine, ecoterritorial, and counter-hegemonic experiences. Using a qualitative, bibliographic, and interpretivist approach grounded in ecofeminist authors, it seeks to understand how such perspectives contribute to decolonial educational practices. The methodological process was based on analytical readings, reflective listening, and interpretive dialogue, inspired by Nascimento's (2023) concept of dialogical listening. Throughout the study, the researcher and her supervisor weave reflections on otherness, listening, dialogue, and (re)existence, articulating gender, spirituality, and ecoterritorial justice of women facing the objectification of life. The study highlights knowing-feeling, within a dialogical listening framework, as a decolonial practice that reaffirms care, ancestry, and insurgency of counter-hegemonic ways of life committed to socio-environmental justice.

Keywords: Knowing-feeling. Ecofeminism. Spirituality. Ecoterritorial justice.

INTRODUÇÃO: POR UM CAMINHO DE SENTIR, TERRA E PALAVRA

Pensar uma Educação Ambiental num caminho de saber-sentir, que articule dimensões éticas, espirituais e sensíveis, demanda transcender os marcos conceituais coloniais e reconhecer as conexões ecofeministas latino-americanas. É nesse horizonte que se insere a proposta do saber-sentir, entendida aqui como uma atitude existencial e epistêmica enraizada em práticas de escuta e de conexão com a Terra⁴. No campo do ecofeminismo latino-americano⁵, esse saber-sentir emerge como resistência à lógica da dominação e da separação moderna — entre corpo e mente, humano e natureza, razão e intuição. Neste percurso, reconhece-se a importância da escutatória-dialogal⁶ — prática que emerge da experiência vivida, da memória ancestral e da reciprocidade entre os

⁴ Segundo Krenak (2019), “uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra” (KRENAK, 2019, p. 48).

⁵ Compreende-se por meio da teóloga ecofeminista Ivone Gebara, que existe uma conexão entre os corpos violentados das mulheres e os territórios devastados pela exploração econômica.

⁶ Cabe ressaltar que a ‘escutatória-dialogal’, uma metodologia inédita criada durante o doutorado da pesquisadora X, e surgiu a partir de vivências durante a pesquisa de campo na Terra Indígena X, sendo simultaneamente aplicada a essas vivências. Dito isto, ressalta-se que esse trajeto, o da ‘escutatória-dialogal’, provoca um compromisso autorreflexivo na linha freireana (2004) e, para tanto sensibiliza, seguindo-se pela linha da filosofia de libertação dusseleana (2012), que combate a unilateralidade das visões eurocêntricas, caracterizadas por uma pedagogia de crueldade.

seres — como fundamento para modos outros de existência. Nesta escutatória-dialogal, enraizada no corpo-território e nos vínculos sagrados com a Terra, revela-se uma chave metodológica potente, capaz de mobilizar os sujeitos a uma reconexão com o mundo, com suas raízes e com as memórias ancestrais. Como nos lembra potiguara (2023, p. 17), “a maior riqueza espiritual que temos... são os nossos ancestrais”. Escutar, nesse contexto, é mais do que um ato sensorial: é uma prática de pertencimento, de reconhecimento da vida em sua pluralidade e interdependência.

É nesse horizonte que o ecofeminismo se inscreve como uma aliança entre o grito da Terra e o grito das mulheres. Desde suas origens, articula a crítica à opressão patriarcal à denúncia da exploração da natureza, revelando as estruturas entrelaçadas de dominação que ferem simultaneamente corpos femininos, territórios e ecossistemas. Ao reconhecer esses vínculos, o ecofeminismo amplia o sentido da escuta como gesto político e espiritual, reafirmando a sabedoria dos saberes enraizados e a força das resistências ancestrais. Mais do que um movimento político, trata-se de uma espiritualidade viva e de uma ética relacional que compreendem a ecologia como interconexão essencial⁷. Na América Latina, essa proposta se enraíza no saber-sentir dos povos, entrelaçando-se às epistemologias decoloniais, às práticas comunitárias de cuidado com a vida e às espiritualidades insurgentes que brotam da escuta profunda dos territórios e de suas dores e esperanças. É neste chão fértil que ativistas e pensadoras como Ivone Gebara (Brasil), Rosa Dominga Trapasso e o coletivo Talitha Cumi (Peru), Safina Newbery e o coletivo Urdimbre de Aquehua (Argentina), Mary Judith Ress (Chile) e Gladys Parentelli com o coletivo Gaia (Venezuela) desenvolvem ações que se alinham a uma proposta ecofeminista, que poderá ser fundamentada na escutatória-dialogal, na justiça ambiental e nas lutas populares.

Essa constelação de práticas e pensamentos insurgentes ecofeministas constitui o solo epistêmico e político no qual esta investigação se ancora. É nesse horizonte que emerge o interesse por compreender as articulações entre espiritualidade, justiça socioambiental e escuta ética nas experiências de mulheres engajadas na transformação dos territórios e das subjetividades. Assim, a presente pesquisa adota uma abordagem bibliográfica de cunho interpretativista, com ênfase em uma leitura atenta dos escritos

⁷ Compreensão das autoras - Aqui, "interconexão essencial" destaca que a vida e a existência se sustentam justamente nessa ligação intrínseca entre os seres, ambientes, memórias e energias, reconhecendo que nada existe separadamente — tudo se manifesta em relação a à.

publicados entre 1992 e 2008 na revista Con-spirando⁸, bem como em outros materiais produzidos pelo coletivo homônimo. O interesse por essa produção emergiu durante a pandemia, quando uma das pesquisadoras — minha supervisora no estágio pós-doutoral, com quem compartilho interlocuções no âmbito das pesquisas e do grupo de estudo — teve acesso virtual aos arquivos da revista, muitos deles preservados em acervos digitais no Chile e gentilmente enviados por instituições parceiras.

Entretanto, foi apenas durante uma viagem a Buenos Aires, realizada em 2024, que se tornou possível aprofundar o contato com esse material e desenvolver uma investigação mais sistemática. Essa pesquisa nasceu de uma inquietação observada em diversos eventos acadêmicos na Argentina: embora as mulheres envolvidas no coletivo Con-spirando fossem frequentemente citadas, suas práticas, produções e articulações políticas permaneciam pouco exploradas pela literatura acadêmica.

Diante deste cenário, optou-se por dedicar atenção especial à trajetória de uma das autoras, conhecida como Safina⁹ — uma mulher que viveu em Buenos Aires, estudou na Universidade de Buenos Aires (UBA) e faleceu no início deste século, deixando importantes contribuições no campo do ecofeminismo espiritualista.

O eixo central da análise volta-se às experiências e aos discursos presentes nos materiais da revista, que entrelaçam uma ética do cuidado com uma espiritualidade da Terra, fundamentadas no saber-sentir e na escutatória-dialogal dos territórios e da ancestralidade. Em contraposição à racionalidade neoliberal, extrativista e sacrificial, esses escritos evocam uma ética ecofeminista que brota dos saberes encarnados dos povos originários e das comunidades tradicionais. Trata-se de uma proposta educativa e política que rejeita o paradigma antropocêntrico e convoca uma compreensão ecocentrada da vida — em que todas as formas de existência são reconhecidas como interdependentes, situadas no pertencimento, na existência e na (re)existência.

⁸ A revista Con-spirando é uma publicação chilena criada em 1992 por mulheres teólogas, educadoras, artistas e ativistas ligadas ao Coletivo Con-spirando, com sede em Santiago do Chile. O nome da revista vem da junção das palavras “conspirar” (respirar com) e “inspirar” (trazer o espírito para dentro), indicando um processo coletivo de reflexão, criação e transformação. A proposta central da revista é articular ecofeminismo, espiritualidade, justiça social e práticas decoloniais a partir de uma perspectiva crítica e sensível à vida, especialmente à vida das mulheres na América Latina.

⁹ “Safina” é um pseudônimo usado por uma das colaboradoras da revista Con-spirando, presente principalmente nos anos 2000. Trata-se de uma identidade simbólica adotada para preservar o anonimato ou para expressar uma voz política coletiva, como ocorre em muitos espaços feministas e espiritualistas. Em seus textos assinados como Safina, a autora costuma trazer reflexões sobre o feminino sagrado, rituais de conexão com a Terra, sabedorias ancestrais e o poder da escuta e da palavra como práticas de cura e rebeldia.

Nesta perspectiva, a pesquisadora que criou a escutatória-dialogal¹⁰ em sua tese de doutorado une-se a esta pesquisadora potente — sua supervisora no estágio pós-doutoral — para juntas, tecer reflexões sobre o cuidado, a empatia, a escuta e a sensibilidade — elementos historicamente associados ao feminino, mas aqui ressignificados como forças políticas de resistência e reinvenção. O ecofeminismo latino-americano, nutrido pelas espiritualidades indígenas, afrodescendentes e populares, não se limita a uma crítica estrutural ao mundo vigente: ele convoca à construção de futuros enraizados na justiça ecoterritorial, no reencontro com o sagrado e no pertencimento vivo ao mundo. A espiritualidade, nesse processo, não é adereço nem crença dogmática, mas sim uma força de reencantamento do mundo, capaz de romper dicotomias coloniais — corpo e mente, razão e emoção, humano e natureza — e de fortalecer os vínculos entre corpo, território, memória e ancestralidade. Esta reflexão simboliza um chamado ritualístico à Terra, dirigido ao leitor(a), para escutar com o corpo inteiro, habitar o tempo com atenção cuidadosa e tecer outros modos de existir em compromisso com as ancestralidades e o próprio planeta.

A escutatória-dialogal, então, torna-se uma proposta metodológica que não se limita a escutar vozes humanas, mas se abre ao silêncio das águas, ao grito da floresta, à dor das espécies feridas, às memórias sussurradas pelos ventos e aos sinais que brotam da Terra em sua linguagem não verbal. Trata-se de um convite à escuta ampliada, que descoloniza os sentidos e reposiciona o humano como parte de uma teia interdependente da vida.

Ao centrar o saber-sentir como prática de resistência e (re)existência, o ecofeminismo latino-americano oferece contribuições profundas para uma Educação Ambiental sensível, crítica, situada e transformadora — uma educação que reconhece o território como fonte de conhecimento, que valoriza os saberes ancestrais e que comprehende a espiritualidade como força vital e pedagógica.

Nesse horizonte, educar é também escutar o mundo — escutar com o corpo inteiro, com a alma atenta e com o espírito disponível para o encontro. É reconhecer a Terra como sujeito vivo e a escuta como prática de cuidado, de co-presença e de

¹⁰ ...há uma influência de Le Goff no que se refere à análise de narrativas. Neste caso, ele se refere às ideias de Benjamin (1984; 1987), Deleuze (1991) e Petrucci-Rosa (2011), quando concorda com os autores ao reconhecer que há algo semelhante nas mônadas, entendidas como “ideias” que “[...] contém a imagem do mundo” (Benjamin, 1984, p. 70). Carla Melo da Silva, Marcelo Prado Amaral-Rosa e Maurivan Guntzel Ramos, aplicaram essa abordagem ao campo da educação (Nascimento, S. Do; Zimmermann, T. R.; Bezerra De Carvalho, A., 2024, p.51).

abertura ao diverso. É, ainda, acolher os saberes de diferentes povos e culturas, rompendo com o epistemicídio colonial. Como adverte Davi Kopenawa (2015, p. 455), por “manterem a mente cravada em seus próprios rastros, os brancos ignoram os dizeres de outras gentes e lugares”. A escutatória-dialogal, portanto, convida a desafiar os fechamentos epistemológicos e ontológicos impostos pela colonialidade, abrindo veredas para uma escuta, onde o diálogo se constrói a partir do reconhecimento da palavra do outro — humano ou não-humano — como expressão de outros modos plurais de existir. Essa escuta, enraizada no saber-sentir, torna-se fundamento ético e político para o ensino e a prática de uma Educação Ambiental comprometida com a vida em sua diversidade e com a construção de vínculos sensíveis entre os seres e os territórios. Como afirma Krenak (2019, p. 33), “definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações”.

SABER-SENTIR EM REDE: CON-SPIRANDO COMO TERRITÓRIO DE ESPIRITUALIDADE ECOFEMINISTA

Desde sua criação em 1991, o coletivo Con-spirando passou a registrar, na revista homônima, os fluxos de um trabalho teológico, ético e sensível, enraizado na escuta, no território e na espiritualidade ecofeminista. A revista, lançada em 1992, nasceu com o propósito de constituir uma rede latino-americana de trabalho, pesquisa e formação entre mulheres ecofeministas — teólogas ou não — conectadas pelas lutas por justiça socioambiental, espiritualidade crítica e dignidade da vida. Desde suas primeiras edições, elas também se dedicaram à discussão crítica da memória e da história a partir das cosmovisões de povos originários como os mapuches, wakanakas, aimarás, maya quiché, xincas, guaranis, entre outros.

O coletivo-rede Con-spirando se constituiu como espaço plural de formação e escuta, com destaque para a Escola Feminina, a Escola de Verão de Teologia Ecofeminista e a elaboração de uma proposta metodológica de sensibilização político-espiritual. Um de seus eventos mais emblemáticos foi o curso intensivo denominado Escola de Ética e Espiritualidade Ecofeminista: Mitos e Arquétipos, realizado anualmente em Santiago e em outras cidades da América Latina.

Em 1993, foi fundado o Centro Capacitar, com o objetivo de criar um espaço voltado à espiritualidade, à saúde integral e à formação pedagógica por meio de

oficinas, encontros e jornadas com foco nas mulheres, nos grupos ecumênicos, nas comunidades populares e nas comunidades eclesiais de base. A equipe do centro era composta por profissionais de diversas áreas: educadoras, teólogas, psicólogas, antropólogas, biólogas, enfermeiras, terapeutas corporais, massoterapeutas e praticantes de Reiki, atuando especialmente em retiros espirituais ecofeministas. Período que, a revista passou a circular trimestralmente, com edições de cerca de 60 páginas, das quais 40 eram dedicadas ao tema central. A publicação alcançou 60 números até 2008 e, desde então, divulga suas ações pelo site oficial: <https://conspirando.cl/>

O coletivo celebra ritos simbólicos e cultiva memória viva, consolidando-se como um território espiritual e político do ecofeminismo em Abya Yala. Mary Judith Ress (1998), uma de suas fundadoras, sintetiza as principais contribuições da rede: (1) a denúncia da violência teológica contra as mulheres; (2) a reconfiguração do sagrado em chave feminina; (3) a construção de uma teologia corporificada; e (4) a articulação entre ecofeminismo e espiritualidade crítica.

Con-spirando: Revista Latinoamericana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología abordou temas como aborto, HIV/AIDS, prostituição, corpo e teologia, direito ao prazer, ética, manifestações culturais indígenas, arte, criatividade, comunidade, fertilidade, violência doméstica e sexual. Também tratou de economia de subsistência, ecovilas, agroecologia, militarismo, fundamentalismos, fontes de energia e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher (Declaração e Plataforma de Ação, 1995).

Em 2012, ao celebrar vinte anos de atuação, o coletivo organizou o Seminário Internacional “Fazendo Memória, Imaginando Futuros: Ecofeminismo, Teologia Feminista e Transformação Cultural”, em Santiago do Chile. Estiveram presentes participantes de países como Chile, Argentina, Bolívia, Peru, Uruguai, Brasil, Colômbia, Equador, Panamá, Nicarágua, Guatemala, Espanha e Suíça. O evento articulou três eixos: ecofeminismo, teologia feminista e transformação cultural, resultando na publicação de um livro com textos, imagens e entrevistas.

Essas práticas e produções intelectuais consolidaram os debates ecofeministas em Abya Yala. Coletivos como Caleidoscópio e Católicas por el Derecho a Decidir (Uruguai), Gaia (Venezuela), Núcleo de Mujeres y Teología (Guatemala), Talitha Cumi (Peru) e La Urdimbre de Aquehua (Argentina) dialogam profundamente com o projeto espiritual, político e metodológico de Con-spirando. Muitas das mulheres vinculadas a esses coletivos também contribuíram com a revista.

As espiritualistas ecofeministas de Abya Yala, em sua maioria, dialogam com a Teologia da Libertação, embora frequentemente se distanciem dos feminismos institucionais, assumindo uma posição interseccional enraizada em múltiplas fontes: teorias feministas, teologias críticas, ecofeminismo de matriz estadunidense, ecologia profunda, psicologia junguiana e cosmovisões indígenas. O ecofeminismo pode ser compreendido a partir da pluralidade histórica dos povos originários, que reconhecem a complementaridade de gênero como princípio organizador fundamental de suas culturas, contrapondo-se à lógica colonial patriarcal que invisibiliza tais práticas e saberes (cf. Segato, 2016).

Essas teólogas também questionam os essencialismos ao recusar a ideia de que o ecofeminismo seja algo “natural” do feminino. Elas destacam que tal visão obscurece as lutas por direitos sexuais, reprodutivos e políticos. As tensões presentes nos próprios movimentos religiosos derivam das estruturas hierárquicas que excluem visões heterodoxas sobre o divino, o corpo e a relação com o mundo (Ress, 1998).

Ao mesmo tempo em que promovem um giro radical na teologia, essas pensadoras atuam junto a comunidades invisibilizadas, acolhendo mulheres pobres, mães solo, cuidadoras e camponesas em espaços marcados por exclusão. Levam não apenas consolo espiritual, mas uma crítica contundente ao patriarcado e ao capitalismo, promovendo uma ética do cuidado, da solidariedade e da justiça. Segundo Ivone Gebara (1999, p.19), a opressão e a exclusão vivenciadas pelas mulheres são legitimadas por um sistema estruturado em uma hierarquia excludente, que se sustenta em critérios como gênero, raça e classe. Nesse contexto, a autora comprehende o ecofeminismo como uma posição política crítica, comprometida com a luta antirracista, antissexista e antielitista.

Gebara propõe uma teologia ecofeminista como resposta política, epistêmica e espiritual à dominação moderna. Essa proposta, segundo a autora, influenciou — ainda que de forma marginal — a Encíclica Laudato Si. Seu pensamento surge de uma releitura da Teologia da Libertação sob perspectiva de gênero, em diálogo crítico com Boff (1979), centrando a experiência de mulheres excluídas.

As autoras reconhecem os limites da influência esperada pela teologia feminista e ecofeminista, ao admitir que havia a pretensão de que sua teologia e leitura bíblica pudessem transformar os espaços culturais reproduzidos pelas religiões cristãs. No entanto, constatam que tais expectativas não se concretizaram. Diversos fatores, tanto

externos quanto internos, contribuem para a reduzida presença dessas teologias em espaços significativos das igrejas, da academia e até mesmo do movimento feminista. Reconhecer essa realidade, segundo elas, é um passo inadiável para a construção de futuros possíveis (tradução nossa; Con-spirando, Memórias, 2024, p. 1). Para essas autoras, o ecofeminismo é simultaneamente movimento, espiritualidade e denúncia. Denúncia da lógica que associa a natureza e as mulheres à força de reprodução — como aponta Gebara (2000, p. 18) — e do epistemicídio promovido pelas estruturas patriarcais e coloniais. Ress (1998) insiste na interdependência como eixo constitutivo do universo, enquanto Gebara a propõe como princípio epistêmico.

Rosa Dominga Trapasso (1993) destaca que a articulação entre espiritualidade, feminismo e crítica social engendrou novas formas de conhecer, agir e criar redes. Entre suas pautas estão: soberania alimentar, direito ao território, saúde das mulheres, espiritualidades não patriarcais, autocuidado e formação política.

A atuação dos coletivos Con-spirando, Gaia, Talitha Cumi e La Urdimbre de Aquehua configura-se como resistência radical ao patriarcado e ao imperialismo. Sua espiritualidade insurgente contesta a figura de um deus monoteísta masculino e punitivo — estrutura simbólica que sustenta a exploração neoliberal e sacrificial. A crítica ecofeminista a esse ordenamento não se restringe à religião, mas se expande como denúncia de toda lógica de dominação sobre corpos, territórios e saberes.

Esses coletivos tornam-se laboratórios de reinvenção do sagrado, onde o saber-sentir, o corpo, a terra e os afetos se tornam eixos de (re)existência. Sua espiritualidade é mestiça, viva, decolonial — nutrida por cosmovisões indígenas, místicas afrodescendentes, tradições populares e práticas terapêuticas não institucionalizadas. O objetivo não é a criação de novos dogmas, mas abrir caminhos para uma ética de reconexão e pertencimento ao mundo.

Por meio das escolas, jornadas, rituais e da produção da revista Con-spirando, essas mulheres não apenas desmontam a teologia patriarcal, como também propõem outras linguagens para o divino. O cuidado, a escuta da Terra, o corpo como território sagrado e os vínculos entre todas as formas de vida tornam-se fundamentos de uma educação ambiental sensível, ética e espiritual. Nesse horizonte, torna-se imprescindível refletir, como propõe Krenak (2020, p. 100-101), sobre o modo de vida ocidental, que “formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência

total”. A espiritualidade insurgente proposta por essas mulheres – profundamente ligada à Terra, à memória e aos saberes corporais – aponta caminhos de reconexão e pertencimento por meio de um saber-sentir que desloca a racionalidade instrumental moderna. É nesse espírito que Krenak (2022, p. 27) nos convida a “escutar a voz dos rios” e a reconhecer nossa natureza fluida: “Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo”. Tal perspectiva não se ancora em receitas ou manuais, mas, como ele próprio afirma, em “uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias” (Krenak, 2022, p. 103). Assim, as práticas dessas mulheres tornam-se atos de resistência e reencantamento do mundo, onde espiritualidade, ecologia e ancestralidade se entrelaçam como força política e pedagógica.

bell hooks¹¹ (2022, p.74), em Pertencimento: uma cultura de lugar, expõe que se reconectar com as raízes é o caminho para compreender o verdadeiro significado de pertencer. A autora defende que essa reconexão — seja com raízes culturais, territoriais ou ancestrais — é fundamental para restaurar o elo entre identidade, corpo e território. Nesse sentido, sua obra enfatiza a terra como espaço sagrado e a identidade como algo profundamente enraizado na experiência corporal e na memória coletiva. Como ela afirma: “Quando a terra é sagrada para nós, nosso corpo também pode ser sagrado”, sinalizando que o sentimento de pertencimento nasce do vínculo afetivo, espiritual e político com o território e com as histórias que nele habitam.

Esse pensamento dialoga com os ensinamentos de mulheres que, por meio das práticas ecoespirituais e pedagógicas da revista Con-spirando, promovem a revalorização do corpo como solo sagrado e da escuta da Terra como fundamento ético. Nesse tecido simbólico, o corpo não é apenas matéria, mas memória viva — arquivo sensível de um tempo anterior à colonização, onde a sabedoria dos povos originários,

¹¹ O uso do nome bell hooks em letras minúsculas, adotado pela escritora e teórica feminista nascida Gloria Jean Watkins, é uma escolha política e simbólica que reflete seu compromisso com a centralidade das ideias em detrimento do culto à personalidade, uma vez que, segundo ela, “o que é mais importante é o conteúdo do que é dito, não quem o diz” (hooks, 1989). Ao grafar seu nome artístico em minúsculas, ela buscava deslocar o foco do “eu” autoral para a coletividade do pensamento, numa rejeição explícita às convenções de poder e às normas linguísticas impostas por estruturas patriarcais e coloniais. O nome foi escolhido em homenagem à sua bisavó materna, Bell Blair Hooks, figura de forte presença em sua memória e ancestralidade, mas com a diferenciação gráfica como forma de estabelecer uma identidade conceitual própria, distinta da pessoa homenageada. Em entrevista, hooks afirmou: “Quando as pessoas me perguntam por que eu escrevo meu nome em minúsculas, eu digo que não é por modéstia, mas porque eu quero que meu trabalho seja sobre as ideias, não sobre mim” (hooks, 1989, p. 11), reafirmando sua postura ética e intelectual de resistência ao individualismo e à hierarquia do saber dominante.

das águas, das sementes e dos ciclos naturais ainda pulsa. Como Krenak (2022) nos convoca, é preciso escutar os rios, deixar-se guiar pela movência das águas, abrir-se ao fluxo da vida em sua interdependência radical.

Assim, o pertencimento, mais do que uma condição individual, torna-se uma prática coletiva de enraizamento e cuidado, uma insurgência contra a lógica mercantil que fragmenta o ser e destrói os vínculos com a Terra. Retornar ao corpo-território como santuário e à escuta como gesto político é parte de uma pedagogia da reconexão, onde o espiritual, o ancestral e o ecológico se entrelaçam como vias de cura e resistência. Trata-se de reconhecer, como afirma bell hooks, que “estar em casa” é um ato profundamente político — uma recusa ao exílio imposto pelo colonialismo, pelo racismo e pelo patriarcado, e uma afirmação da vida em comunhão com tudo o que vive e pulsa. Gebara (1997) destaca que a questão não é apenas inserir as mulheres em uma teologia tradicionalmente masculina, mas transformar radicalmente a forma de se fazer teologia. Essa transformação pode ser observada nas práticas cotidianas de mulheres em Abya Yala, que promovem redes de espiritualidade libertadora, justiça ecoterritorial e saberes fundamentados no sentir. Essa abordagem de reinvenção teológica, centrada no saber sentir, estabelece uma conexão profunda com a educação ambiental enquanto experiência vivida. Ao valorizar os saberes sensíveis e as relações afetivas com o território, promove-se uma pedagogia que vai além do conhecimento meramente técnico ou racional, integrando aspectos emocionais, éticos e espirituais. Dessa forma, a educação ambiental se torna um espaço de escuta e respeito à diversidade da vida, estimulando práticas que reconhecem a interdependência entre os seres humanos, a natureza e as múltiplas formas de conhecimento, fortalecendo uma ética de cuidado e justiça ecoterritorial.

REVISTA CON-SPIRANDO: QUANDO A ÉTICA ECOFEMINISTA SE TORNA CORPO, TERRITÓRIO E VOZ

Dando continuidade à proposta de uma Educação Ambiental enraizada no saber-sentir e na escutatória-dialogal como práticas de resistência, espiritualidade e relationalidade política, este estudo volta-se à análise da Revista Con-spirando — importante expressão do pensamento e da práxis ecofeminista na América Latina. Publicada no Chile, a revista articula espiritualidade, justiça de gênero e justiça ambiental a partir de uma epistemologia que brota das experiências concretas das

mulheres e de seus territórios, fazendo da escuta sensível um exercício de descolonização dos saberes.

Nessa perspectiva, destaca-se a ancestralidade como força política viva — não apenas símbolo ou herança, mas pulsão coletiva que organiza o presente e projeta futuros outros. Retomar e manter essa ligação profunda com os saberes ancestrais constitui um ato de resistência e de reexistência. A colonialidade do gênero atuou como um dispositivo de desumanização que instituiu hierarquias de poder racializadas e patriarcais (Lugones, 2008) que ainda estruturam o conhecimento, os corpos e os territórios.

É nesse contexto que as práticas das mulheres indígenas adquirem centralidade e potência transformadora: ao resistirem às imposições colonialistas, elas também reconstroem modos próprios de educar, conectados ao território, aos ciclos da natureza e aos valores comunitários. A oralidade, o cuidado coletivo, o respeito aos mais velhos e a cosmovisão de seus povos são pilares de uma pedagogia ancestral, que desafia as estruturas coloniais de conhecimento (Tuhiwai Smith, 2012; Krenak, 2019) e encontra ressonância na proposta de ética relacional e espiritual presente nas páginas da Con-spirando.

Assim, a revista se inscreve neste percurso investigativo como espaço de escuta e visibilidade de saberes subterrâneos, reafirmando uma ética ecofeminista decolonial que não separa razão e afeto, política e espiritualidade, corpo e cosmos. Ao ecoar os saberes de mulheres latino-americanas e indígenas, propõe-se não apenas uma crítica, mas um chamado: co-criar mundos outros a partir da ternura política, da justiça ecoterritorial e da memória viva da Terra.

Dois volumes, em especial, são centrais para esta investigação: “Ética y Ecofeminismo” (1996) e “Ética y Sexualidades” (2004). Neste estudo, o foco recai sobre o primeiro, que reúne doze artigos com colaborações fundamentais de Ivone Gebara, Rosa Dominga Trapasso e Mary Judith Ress — autoras também referenciadas no eixo teórico desta pesquisa. As reflexões apresentadas no volume de 1996 não apenas tensionam os limites da ética tradicional ocidental, mas também propõem um deslocamento: da ética normativa e abstrata para uma ética encarnada, vivida, situada e profundamente conectada à Terra e às memórias ancestrais.

As questões mobilizadas no editorial da revista revelam o esforço de descolonizar a própria noção de ética: como ela ressoa nos corpos das mulheres? Quais

valores emergem das suas experiências de dor, cuidado e resistência? Estaria o peso da salvação do planeta injustamente depositado sobre os ombros femininos? O ecofeminismo, longe de reforçar essencialismos, torna-se aqui uma força crítica e criadora, capaz de questionar os fundamentos patriarcais, coloniais e antropocêntricos que sustentam a exploração da Terra e dos corpos.

Nesse diálogo, a escutatória-dialogal emerge como chave metodológica: é por meio da escuta que se abre ao Outro e do diálogo que reconhece a diferença, que se tece uma ética insurgente — ética essa enraizada nos saberes subterrâneos, silenciados pelas lógicas coloniais. Trata-se de uma prática decolonial que, ao acolher a alteridade, opera como gesto de resistência e reexistência, permitindo “identificar, visibilizar e encorajar ‘lugares’ de exterioridade e construções alternativas” (Walsh, 2012, p. 25). Escutar, aqui, é mais do que ouvir: é criar vínculo, é romper com epistemicídios, é trilhar caminhos outros de saber e vida.

As reflexões de Trapasso (1993) sobre espiritualidade andina, de Gebara (1997; 1999; 2000) sobre a relacionalidade como tecido vital e de Ress (1998) sobre a escuta da voz do planeta, reforçam a centralidade do vínculo com a Terra como horizonte ético-político.

Assim, a Revista Con-spirando se inscreve neste percurso investigativo como expressão viva de um saber-sentir coletivo, que emerge da prática, da espiritualidade e da experiência das mulheres em seus territórios. Seus textos alimentam uma ética decolonial que não separa razão e afeto, política e espiritualidade, corpo e cosmos. Ao ecoar os saberes de mulheres latino-americanas, a revista afirma: outra ética é possível — uma ética enraizada, insurgente e profundamente comprometida com a justiça ecoterritorial e com a co-criação de mundos mais vivos.

No âmbito da justiça ecoterritorial, é fundamental reconhecer que a expropriação dos territórios indígenas impacta de maneira profunda a vida das mulheres — guardiãs da terra, das sementes, das águas e dos saberes medicinais. O avanço do agronegócio, do garimpo e de projetos desenvolvimentistas orientados pela lógica capitalista ameaça não apenas os ecossistemas, mas também os modos de vida ancestrais que sustentam a existência coletiva desses povos. Nesse cenário, a luta das mulheres indígenas por uma educação diferenciada, intercultural e de qualidade se entrelaça com a resistência à tríplice opressão colonial, racista e patriarcal. Suas práticas educativas configuram-se como pedagogias da resistência, alicerçadas no cuidado, na escuta encarnada, no

respeito mútuo e na coletividade — fundamentos que confrontam a racionalidade instrumental da modernidade ocidental (Freire, 2004; Nascimento, 2023).

Essas pedagogias insurgentes, como a pedagogia do território, da oralidade Krenak (2019) e do cuidado coletivo gestadas no cotidiano de comunidades indígenas como as dos povos Guarani, Baniwa, Yanomami e Xakriabá, rompem com a fragmentação entre corpo, território e saber. Enraizadas em experiências ancestrais e espirituais, essas formas de educar desafiam os paradigmas coloniais e celebram a interdependência entre os seres, os ciclos da natureza e os valores comunitários. Elas afirmam uma educação que emerge da terra e retorna a ela, enraizada em cosmovisões que compreendem a vida como interdependência e reciprocidade. O conhecimento, nesse contexto, não é acumulado, mas compartilhado em redes de afeto, espiritualidade e compromisso comunitário. O saber-sentir, portanto, é fundamental no processo ético-político que orienta a escuta das vozes silenciadas, o acolhimento da memória coletiva e a afirmação de outras epistemologias — mais lentas, circulares e vivas, podendo considerar assim, em conexão com a escutatória-dialogal.

Nesse horizonte, o papel das mulheres indígenas torna-se ainda mais central: são elas que mantêm vivas as práticas de cura, as narrativas míticas, os cantos, as rezas e os rituais — linguagens do sagrado que costuram os vínculos entre seres humanos, natureza e cosmos. Ao educarem com e para o território, essas mulheres denunciam o epistemicídio e a violência estrutural, ao mesmo tempo em que anunciam outros mundos possíveis, gestados na escuta, na oralidade e no respeito ao tempo da vida. Assim, a justiça ecoterritorial torna-se inseparável de uma ética no saber-sentir, da interdependência e da dignidade ontológica dos povos originários.

CONCLUSÃO

A perspectiva espiritualista desenvolvida por ecofeministas latino-americanas representa uma ruptura profunda com as concepções religiosas, científicas e educativas hegemônicas do Ocidente. Ao se enraizar em cosmovisões ancestrais, práticas comunitárias e experiências corporificadas de existência e (re) existência, essa abordagem inaugura uma ética que se desdobra em múltiplas direções, mas converge para o cuidado, a justiça e a escutatória-dialogal como princípios estruturantes de outro modo de existir. Embora o cuidado tenha sido historicamente atribuído às mulheres

como responsabilidade naturalizada — fruto da socialização patriarcal —, no horizonte ecofeminista ele é ressignificado como potência política e ética universal.

Esse cuidado está intimamente imbricado à espiritualidade compreendida não como dogma, mas como dimensão relacional da existência — uma forma de reconexão com a Terra, com os corpos e com a ancestralidade. Cuidar da Terra, nesse sentido, é também escutá-la, sentir seus ciclos, respeitar seus ritmos e compreender que a vida se sustenta em redes de reciprocidade. Trata-se de um saber-sentir que, conforme propõe esta pesquisa, emerge da escutatória-dialogal enquanto prática metodológica e política de (re)existência. Articulando-se a esse saber-sentir como base para uma Educação Ambiental contra-hegemônica, espiritual e enraizada em vivências femininas e ecoterritoriais, esta investigação inscreve-se na tessitura de resistências que, ao mesmo tempo em que denunciam a coisificação da vida, anunciam possibilidades outras de habitar o mundo e de reconstruir sentidos de existência.

Nesse contexto, o corpo-território é compreendido como espaço sagrado de memória, e a escuta — sobretudo das vozes silenciadas do Sul Global — torna-se ferramenta epistemológica e ética, essencial à construção de um mundo plural e justo.

Shiva (2022) defende que o cuidado deve ser compreendido não como uma fraqueza, mas como uma força regeneradora fundamental para a continuidade da vida no planeta. Para ela, a vida se manifesta como um fenômeno comunitário que depende da solidariedade e do equilíbrio, tanto nas relações sociais quanto na natureza. Nesse sentido, as economias do cuidado são capazes de promover harmonia e prosperidade. Entretanto, ao mesmo tempo em que os ecofeminismos espirituais oferecem horizontes potentes de regeneração, é preciso atentar para as assimetrias nos trânsitos entre Sul e Norte. As apropriações epistemológicas de saberes ancestrais por discursos eurocentrados nem sempre reconhecem os contextos políticos e históricos em que esses saberes foram forjados. Por isso, reafirma-se a importância de uma escuta comprometida com a horizontalidade, a reciprocidade e a ética da coautoria entre mundos.

Dessa forma, os ecofeminismos espirituais latino-americanos não se limitam à denúncia das opressões patriarcas, coloniais e capitalistas; eles também anunciam caminhos outros de existência, alicerçados no cuidado, na espiritualidade enraizada e na força da ancestralidade. Suas práticas configuram formas de insurgência que emergem dos territórios, dos corpos e das memórias vivas de mulheres que resistem e (re)existem

em comunhão com a terra. Em meio ao colapso climático, ao esgarçamento dos vínculos sociais e ao silenciamento das memórias coletivas, essas vozes nos interpelam a reconstruir sentidos de vida plena, justiça e liberdade a partir de uma ética do vínculo e do pertencimento. Ouvir essas vozes, cultivar o saber-sentir direcionado a uma Educação Ambiental e abrir-se à escutatória-dialogal configura, assim, um ato profundamente ético, político e espiritual — um compromisso com a vida em suas múltiplas formas, com a Terra enquanto lugar de pertencimento e com o futuro entendido como uma possibilidade coletiva, especialmente em tempos marcados pela devastação dos seres.

REFERÊNCIAS

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Da libertação:** o teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979.

CONS-PIRANDO. **Revista latinoamericana de ecofeminismo, espiritualidad y teología.** Ética y Ecofeminismo, n. 17, set. 1996. Disponível em: <https://conspirando.cl/revistas-con-spirando/> Acesso em: jan. 2025.

CONS-PIRANDO. **Revista latinoamericana de ecofeminismo, espiritualidad y teología.** Memorias, 2024. Disponível em: <https://conspirando.cl/revistas-con-spirando/> Acesso em: jan. 2025.

DECLARAÇÃO e PLATAFORMA de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher – Pequim, 1995. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf Acesso em: 21 jun. 2025.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação:** na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GARCIA, Loreley. **Meio ambiente & gênero.** São Paulo: Senac, 2012. (Série Meio Ambiente).

GEBARA, Ivone. **Intuiciones ecofeministas:** ensayo para repensar el conocimiento y la religión. Madrid: Trotta, 2000.

GEBARA, Ivone. **Longing for running water:** ecofeminism and liberation (Biblical reflections for ministry). Mineápolis: Fortress Press, 1999.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista:** ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

HOOKS, bell. **Pertencimento:** Uma Cultura Do Lugar. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

HOOKS, bell. **Talking Back:** Thinking Feminist, Thinking Black. Boston: South End Press, 1989.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamentos feministas hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2008. Disponível em:
<https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Maria-Lugones-Colonialidade-e-genero.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

NASCIMENTO, Sueli do. **Da terra indígena Araribá para além da sala de aula:** por um “onhombo’ e rapé” e uma escutatória-dialogal na formação e na prática docente =KÓ ARARIBÁ-GWI , NIMBO’É ATY DJYKÉ’I APY: Onhombo’ e Rapé Árupi, Nhanendu-Teire Odjeroaywuá Rã Nhaninmbo’ e Wa’eräwa. 2023. 207 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - Unesp, Marília, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/252063> . Acesso em: 23 abr. 2025.

NASCIMENTO, Sueli do; ZIMMERMANN, T. R.; BEZERRA DE CARVALHO, A. Ywypóry rekó e'y rupi e a ‘escutatória-dialogal’. **Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, Brasil, v. 22, n. 1, p. 49–61, 2024. DOI: 10.18224/hab.v22i1.14222. Disponível em:
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/14222> . Acesso em: 3 jul. 2025.

NASCIMENTO, Sueli do. Ywypóry rekó e'y rupi em sala de aula. In: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade:** contribuições para a formação de professores e a prática docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 255-276. Disponível em:
https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/441/4242/8656?inline=1 . Acesso em: 23 abr. 2025.

NEWBERY, Safina. Niñas buenas, niñas malas. In: CONS-PIRANDO: **Revista latinoamericana de ecofeminismo, espiritualidad y teología.** Colectivo Con-spirando, n. 17, 1996. Ética y ecofeminismo, p. 13. Disponível em:

<https://digitalcommons.lmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1015&context=con-spirando> . Acesso em: dez. 2022.

PARENTELLI, Gladys. La Cumbre de la Tierra. **Con-spirando**, n. 2, p. 46–47, 1992.

POTIGUARA, Eliane. **O vento espalha minha voz originária**. Rio de Janeiro: Grumim. 2023.

RESS, Mary Judith. **Las fuentes del ecofeminismo**: una genealogía. Con-spirando, Santiago de Chile, n. 23, p. 2-8, mar. 1998. Disponível em:
<https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-23-marzo-1998.compressed.pdf> Acesso em: 1 jul. 2025.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda**. Buenos Aires: Prometeo, 2015.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. São Paulo: Boitempo, 2016.

SHIVA, Vandana. **Manifesto sobre as economias do cuidado e a democracia na Terra**. Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em:
<https://navdanyainternational.org/publications/manifesto-on-economies-of-care-and-earth-democracy/> . Acesso em: jan. 2025.

TRAPASSO, Rosa Dominga. **Ecofeminismo**: revisitando nuestra conexión con la naturaleza. Con-spirando, n. 4, p. 2–6, 1993.

TUHIWAI SMITH, Linda. **Decolonizing Methodologies**: Research and Indigenous Peoples. London: Zed Books, 2012.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. In: Congresso da Association Internationale Pour La Recherche Interculturelle (ARIC), 12, 2012. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em:
<https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412> Acesso em: 1 jul. 2025.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.